

O ENSINO DA FILOSOFIA EM SALA DE AULA A PARTIR DA ALEGORIA DA CAVERNA DE PLATÃO

THE TEACHING OF PHILOSOPHY IN THE CLASSROOM FROM PLATO'S ALLEGORY OF THE CAVE

Railson Mesquita da Silva¹

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo demonstrar como o professor de filosofia poderá trabalhar a Teoria das Ideias de Platão e a alegoria da caverna em sala de aula. Para isso, haverá uma breve explicação a respeito da Teoria das Ideias de Platão e da alegoria da caverna que o mesmo constrói a fim de exemplificar a sua ideia. Uma dificuldade bastante comum é conseguir adaptar temas filosóficos para a realidade dos alunos sem que com isso ocorra uma distorção da ideia do filósofo. Com isso, este artigo busca associar a ideia do que é um filósofo segundo Platão com a ideia de estudante e demonstrar os pontos em comum entre um filósofo e um estudante. Outra questão que este artigo pretende demonstrar é a associação entre um aluno e um não filósofo, demonstrando que há pontos em comum entre eles.

Palavras-chave: Filósofo. Estudante. Aluno. Opinião. Conhecimento.

ABSTRACT: This article aims to demonstrate how the philosophy teacher can work on Plato's Theory of Ideas and the allegory of the cave in the classroom. For this, there will be a brief explanation about Plato's Theory of Ideas and the allegory of the cave that he builds in order to exemplify his idea. A very common difficulty is being able to adapt philosophical themes to the students' reality without distorting the philosopher's idea. With this, this article seeks to associate the idea of what a philosopher is according to Plato with the idea of a student and demonstrate the common points between a philosopher and a student. Another issue that this article intends to demonstrate is the association between a student and a non-philosopher, demonstrating that there are common points between them.

Keywords: Philosopher. Student. Student. Opinion. Knowledge.

¹ Graduando do Curso de Licenciatura Plena em Filosofia na Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

INTRODUÇÃO

Um dos principais objetivos de um professor de Filosofia em sala de aula é despertar nos alunos o desejo pelo conhecimento. Em uma Era dominada pela tecnologia e as mais variadas formas de distração, é um grande desafio para o professor tornar um assunto filosófico interessante o suficiente ao ponto do aluno que nunca teve contato com a filosofia se sentir interessado. Para atingir tal desafio, o professor deverá elaborar estratégias para que ele consiga relacionar o assunto abordado com a realidade dos alunos.

Um dos temas mais conhecidos na Filosofia é a Teoria das Ideias de Platão e a alegoria da caverna, que ele usa para ilustrar a sua ideia. Trabalhar esse assunto em sala de aula é quase que obrigatório para um professor de Filosofia. Sendo um dos assuntos mais importante da filosofia, é indispensável que o professor esteja bem preparado para ilustrar esse assunto da melhor forma possível para a turma. Uma questão muito importante também é a capacidade do professor de correlacionar o assunto abordado em sala de aula e a vida dos alunos.

Desde modo, o texto a seguir busca, além de fazer um breve resumo da Teoria das Ideias de Platão, propor maneiras de como este assunto poderá ser trabalhado em sala de aula, além de como o professor poderá relacionar a alegoria da caverna de Platão com a realidade dos alunos. Veremos que através de tal temática é possível elaborar questionamentos que possam fazer os alunos refletiram sobre como estão administrando os seus estudos na escola, e um dos modos disso ser feito é através da distinção entre aluno e estudante.

O PROFESSOR DE FILOSOFIA E A ALEGORIA DA CAVERNA DE PLATÃO

Um dos maiores desafios de um professor que pretende dar aula para uma turma de Ensino Médio é fazer com que os alunos consigam ver sentindo na aula que estar sendo exposta. Deste modo, cabe ao professor demonstrar aos alunos através de bons argumentos a importância de estudar um determinado assunto. Com todos os meios disponíveis hoje que podem facilmente tirar a atenção dos jovens, inclusive dentro de sala de aula, o dever do professor se torna ainda mais desafiante.

Para o professor de filosofia, entretanto, essa tarefa se torna ainda mais difícil com todo o descaso que a filosofia vem recebendo nos últimos anos. Com isso, muitas pessoas podem acabar tendo uma visão da filosofia como sendo algo inútil para as nossas vidas e, portanto, não haveria necessidade de dar o mínimo de atenção a essa disciplina em sala de aula. Sendo assim, o professor de filosofia deverá está bem preparado para saber lidar com esse tipo de situação e também deve estar preparado quando um aluno lhe perguntar qual a importância da filosofia para a sua vida no dia a dia.

E para fundamentar uma resposta e esse questionamento e verificar como isso poderia ser trabalhado em sala de aula, vamos recorrer ao filósofo grego Platão. Para Platão é possível dividir o mundo em duas categorias, sendo elas: Mundo Inteligível e Mundo Sensitivo. Segundo a ideia platônica, o Mundo Inteligível está para além do mundo físico, sendo o Mundo Inteligível a origem das coisas materiais existente no Mundo Sensitivo. Segundo Platão, o Mundo Inteligível é eterno e imutável, e é nele que estão as formas das coisas materiais, enquanto o Mundo Sensitivo é finito e mutável, sendo este uma cópia do Mundo Inteligível. E é justamente fazendo uma ligação entre o pensamento de Platão com a realidade dos estudantes que o professor poderá trabalhar em sala de aula sobre a importância da Filosofia.

Em uma época onde os adolescentes recebem vários estímulos visuais, auditivos e sensoriais, fica bastante difícil acreditar que este adolescente irá abrir mão desses prazeres, mesmo que por um curto período de tempo, para se dedicar a estudar algo que exige atenção e dedicação. Deste modo, é através da filosofia que o professor deverá demonstrar a importância de dar atenção para um tipo de conhecimento mais elevado. Assim diz Ghedin:

A Filosofia entra com doçura a explicar as razões, a libertar das ilusões e dos falsos sentidos. Todo prazer e todo o sofrimento possuem uma espécie de cravo com o qual pregam a lama ao corpo, fazendo com que ela se torne material e passe a julgar a verdade das coisas conforme as indicações do corpo (GHEDIN, 2003, p. 259).

Sendo assim, podemos recorrer à filosofia para demonstrar que as questões tratadas por ela podem nos ajudar a não apenas dar importância ao verdadeiro conhecimento, como também nos ajudar a resolver os nossos próprios conflitos

internos. Deste modo, não é tão difícil para que o professor de filosofia consiga demonstrar que o ensino de filosofia pode fazer parte da realidade concreta do aluno e, portanto, tornando menos difícil o ensino desta matéria em sala de aula. Ao fazer com que o aluno note a importância da filosofia e como ela pode ajudar no seu dia a dia, isso o fará com que o aluno se interesse pelo conteúdo que estará sendo abordado em sala de aula e isso irá facilitar bastante o seu aprendizado.

Platão constrói a Teoria das Ideias com base em dois filósofos pré-socráticos: Heráclito e Parmênides. Para Heráclito, o mundo estaria em constante mudança. Para ele as coisas são mutáveis. Em uma de suas passagens mais famosas ele argumenta que um homem não pode entrar duas vezes no mesmo rio, porque as águas estão sempre fluindo, de modo que, na segunda vez em que o homem entrar no rio já não será o mesmo rio, pois as águas e o homem já não serão mais os mesmos. Parmênides, ao contrário de Heráclito, não acreditava na mudança. Para ele a mudança não passava de uma ilusão. As coisas, de acordo com Parmênides, são imutáveis. Parmênides chega a essa conclusão a partir do seguinte raciocínio: se o ser deixar de ser quem é, o que ele se torna? Não há outra alternativa senão o não ser. Mas isso seria absurdo, pois do nada, nada vem. Sendo assim, Platão partiu do pensamento de Heráclito para construir o Mundo Sensitivo e da ideia de Parmênides para construir o Mundo Inteligível.

Para ilustrar a Teoria das Ideias, Platão utiliza-se na alegoria da caverna, que está presente no livro VII n'A República. Pedro Menezes resume a alegoria da Caverna desta maneira:

Platão descreve que alguns homens, desde a infância, geração após geração, se encontram aprisionados em uma caverna. Nesse lugar, não conseguem se mover em virtude das correntes que os mantém imobilizados. Virados de costas para a entrada da caverna, veem apenas o seu fundo. Atrás deles há uma parede pequena, onde uma fogueira permanece acesa. Por ali passam homens transportando coisas, mas como a parede oculta o corpo dos homens, tudo o que os prisioneiros conseguem ver são as sombras desses objetos transportados. Essas sombras projetadas no fundo da caverna são compreendidas pelos prisioneiros como sendo todo o que existe no mundo. Certo dia, um dos prisioneiros consegue se libertar das correntes que o aprisionava. Com muita dificuldade, ele busca a saída da caverna. No entanto, a luz da fogueira, bem como a do exterior da caverna, agride os seus olhos, já que ele nunca tinha visto a luz. O ex-prisioneiro pensa em desistir e retornar ao conforto da prisão a qual estava acostumado, mas gradualmente consegue observar e admirar o mundo exterior à caverna. Entretanto, tomado de compaixão pelos companheiros de aprisionamento,

ele decide enfrentar o caminho de volta à caverna com o objetivo de libertar os outros e mostrar-lhes a verdade. No diálogo, Sócrates propõe que Glauco, seu interlocutor, imagine o que ocorreria com esse homem, em seu regresso. Glauco responde que os outros, acostumados à escuridão, não acreditariam no seu testemunho e que aquele que se libertou teria dificuldades em comunicar tudo o que tinha visto. Por fim, era possível que o matassem sob a alegação de perda da consciência ou loucura. (MENEZES, 2022, Online).

Como se pode notar, a alegoria da caverna faz referência à Teoria das Ideias de Platão. Nesta alegoria os prisioneiros representam os homens comuns, que estão presos na própria ignorância e não querem sair dela, mesmo que alguém tente lhe mostrar o conhecimento verdadeiro. A caverna representa os nossos sentidos, isto é, o mundo sensível, que é uma fonte de conhecimento duvidosa e mutável. As sombras representam as opiniões erradas ou duvidosas que muitas vezes as pessoas tomam como conhecimento verdadeiro. A saída da caverna representa a saída do estado de ignorância para ir em busca do conhecimento verdadeiro. O Sol que ofusca a visão do prisioneiro que saiu da caverna representa o verdadeiro conhecimento, o mundo inteligível.

A alegoria da caverna é uma forma de demonstrar a diferença entre os filósofos e os não filósofos, mostrando que os filósofos seriam aqueles que estariam dispostos a sair da zona de conforto para ir em busca da verdade, enquanto os não filósofos prefeririam ficar no mundo que já conheciam. Assim diz Trabattoni:

O aspecto da alegoria sobre a qual Sócrates se concentra no início (514a) é a condição de estranheza e de incompreensão recíproca entre filósofos (“educados”) e não filósofos (“não educados”): o não filósofo está habituado a seu mundo (o da caverna) e não quer deixá-lo; quando é levado para fora, devido à dor e fadiga da nova experiência, não encontra nada de gratificante, e deseja voltar para dentro do seu antro. O filósofo, ao contrário, vive em um mundo completamente seu e não deseja se misturar aos outros homens (assim como se lê também no célebre retrato do filósofo que encontramos no *Teeteto* 173b-177c). (TRABATTONI, 2010, p.116).

Desde modo, a alegoria da caverna nos convida a refletir a respeito da diferença entre a educação dos filósofos e dos não filósofos. Na alegoria fica claro que os não filósofos se contentam em viver numa realidade onde as sensações são tomados como única fonte de conhecimento, e não possuem nenhuma vontade de se esforça ao menos um pouco para sair desta situação, como se o desejo pelo conhecimento não lhes fossem atrativo. Os filósofos por sua vez são aqueles que estão dispostos a sair da zona de conforto e ir em busca do conhecimento. Portanto, pode-se dizer que a finalidade desta

alegoria é justamente demonstrar a diferença entre a educação dos filósofos e dos não filósofos.

Através da apresentação da alegoria da caverna para os alunos e explicar o que ela representa, e possível que o professor comece a despertar nos alunos uma vontade de se aprofundar mais na área da filosofia. A alegoria da caverna acaba sendo uma forma bastante didática para demonstrar aos alunos que o processo para se buscar conhecimento exige esforço e, que em algumas vezes, é possível que as pessoas que não tem aptidão para tal buscar o conhecimento verdadeiro podem acabar rejeitando aqueles que buscam o conhecimento. Porém, é necessário lembrar que a alegoria da caverna é uma maneira de Platão exemplificar a Teoria das Ideias que foi feita há mais de dois mil anos. Deste modo, é fundamental que o professor seja capaz de explicar a alegoria da caverna fazendo referência aos dias atuais, para que os alunos possam se identificar e assim sintam mais vontade de se aprofundar na filosofia.

Uma das maneiras possíveis de relacionar o assunto da Teoria das Ideias é questionando os alunos se nós vivemos “dentro de uma caverna”, como no exemplo dado por Platão. Através desse questionamento, os alunos poderão citar exemplos da sua própria realidade de como ele ver a ideia de Platão no dia a dia. Ao conseguir relacionar uma teoria filosófica com a sua própria realidade o aluno poderá ficar mais interessado na filosofia.

Um exemplo que pode ser trabalhado em sala de aula é relacionando a alegoria da caverna de Platão com as redes sócias. Não cabe aqui cometer um anacronismo e dizer que Platão estava se referindo as redes sócias quando formulou a alegoria da caverna, mas apenas mostrar aos alunos que a ideia de Platão não está nem um pouco distante de nós. A ideia de usar as redes sócias como uma forma de “estar vivendo dentro de uma caverna” é viável, pois é comum as pessoas tomarem como realidade aquilo que é apenas algo aparente. Nas redes sócias é muito comum as pessoas aparentarem ser aquilo que elas não são, dando assim uma falsa sensação de que todos vivem uma vida perfeita. Desta maneira, as pessoas não apenas vivem “dentro de uma caverna”, mas também acabam criando a própria sombra da caverna que será vista por outras pessoas.

É importante ressaltar algo que faz parte da realidade dos alunos e mostram que eles próprios também podem acabar contribuindo com algo que no fundo pode ser maléfico para eles mesmo. Desta forma é possível induzir os alunos a refletirem sobre o próprio modo de agir e, sendo assim, fazendo com que eles mudem ou de atitude ou da maneira de como enxergam o mundo.

Outra maneira de fazer referência à alegoria da caverna com a realidade dos alunos pode ser feita através do questionamento a respeito de quando as pessoas dão prioridade às sensações do corpo em detrimento ao aperfeiçoamento do intelecto. Por exemplo, quando uma pessoa decide ir a uma festa na qual não agregará valor algum, porém lhe traz prazeres sensoriais, quando ela poderia ficar em casa estudando. Isso é um exemplo de uma situação onde a pessoa dá prioridade ao mundo sensitivo ao invés do mundo inteligível. Viver apenas em função daquilo que dar prazer sem se importar em buscar a verdade é uma das maneiras de se viver como um não filósofo. Cabe então o dever daqueles que querem buscar a verdade o esforço de se abdicar em algumas ocasiões daquilo que é prazeroso e superficial para ir busca da verdade.

Buscar a verdade serve não apenas nos aprimorar a nós mesmo, mas também para ajudar as pessoas que estão próximas de nós. Um exemplo disso são as pessoas que se contentando com informações superficiais acabam propagando mentiras para outras pessoas, prejudicando assim pessoas inocentes. É possível que boatos espalhados por pessoas que não estão dispostas a buscarem a verdade acabem gerando algum tipo de injustiça. Por isso é necessário reforçar a ideia da busca pelo conhecimento verdadeira ao invés das meras opiniões sem fundamento. Opinião e conhecimento não são equivalentes, a busca pelo conhecimento necessita de esforço, enquanto a opinião é apenas uma informação que não necessariamente tem algum tipo de fundamento.

A diferença entre aqueles que se contentam apenas como a opinião e aqueles que buscam o conhecimento verdadeiro é muito importante na alegoria da caverna, tendo em vista que “o principal objetivo da alegoria é mostrar a diferença que existe entre filósofos e não filósofos e as razões da incompreensão recíproca.” (TRABATTONI, 2010, p. 121). Evidenciado a diferença entre quem busca o

conhecimento (o mais sábio) e aquele que vive apenas de opinião (o menos sábio), fica claro através da alegoria que é dever do mais sábio tentar educar o menos sábio.

Desde modo, temos dois elementos diferentes: aquele que ama a opinião e aquele que ama a sabedoria, Platão vai atribuir ao amante da sabedoria o termo “filósofo” e ao amante da opinião o termo “filodoxo”. Os termos não são opostos um do outro, pois: “(...) o filósofo não é o “sábio”, mas aquele que ama a sabedoria; por isso o seu antagonista não pode ser o ignorante, mas, sim, alguém que ama também alguma coisa diferente do saber, que ama, como diz a palavra, a opinião (doxa)” (TRABATTONI, 2010, p. 123). Sendo assim, quando nos referimos a alguém por “mais sábio” ou alguém que busca o conhecimento, não necessariamente significa que ele é de fato um sábio, mas alguém que está sempre em busca da sabedoria.

Mesmo que uma pessoa que se contenta com a opinião (filodoxo), tenha uma opinião correta, isto é, quando ela é verdadeira, ainda assim essa pessoa não se equivale a quem detém um conhecimento sobre a mesma coisa. Pois quem detém o conhecimento é capaz de justificá-lo, já quem tem apenas a opinião, não. Entretanto, é incorreto dizer que o filósofo está livre de opiniões e que detém o conhecimento absoluto, assim diz Trabattoni:

(...) o filósofo não é quem possui um saber infalível, mas sim quem tem opiniões mais fundamentadas do que outros, na medida em que é *expert* no uso da argumentação (...). Esse é o real motivo pelo qual Platão contrapõe o filósofo ao filodoxo. Visto que existe uma forma de *doxa* da qual nenhum homem pode se esquivar, a diferença que qualifica o filósofo não consiste no fato que ele possua um saber certo e infalível; essa diferença consiste no fato que o filósofo, ao contrário do filodoxo, se esforça constantemente por melhorar suas próprias opiniões por meio dos raciocínios, porque o que ele deseja possuir não é a opinião, mas a ciência. (TRABATTONI, 2010, p. 124-125).

Desde modo, o filósofo não está livre de opiniões, porém ele consegue justificá-las e está sempre em busca de aprimorá-las. Do contrário, o não filósofo, isto é, o filodoxo, se contenta apenas com a opinião, mesmo que não saiba justificá-la. Isso mostra que estar livre de opiniões é praticamente impossível, porém o que importa não é deter o conhecimento infalível, mas sempre estar disposto a buscar a verdade.

Explicando esses conceitos em sala de aula, o professor pode demonstrar que a ideia de Platão de que existe filósofo e não filósofo está bastante presente no contexto

escolar dos alunos. Para isso teríamos que fazer uma adaptação da alegoria da caverna para a aula. Assim como Platão, que faz a distinção entre filósofo e não filósofo, atribuindo ao primeiro a ideia de ser alguém que está sempre em busca de aprimorar o seu conhecimento e, ao último, a ideia de alguém que se contenta com uma opinião superficial, pode-se fazer a distinção entre dois grupos de alunos: o aluno e o estudante.

Ao aluno pode atribuir a ideia daquela pessoa que apenas assiste às aulas e se contenta com isso. O aluno não estuda em casa. O processo de assistir aulas é uma atividade passiva, o aluno apenas senta na cadeira e escuta o professor passar as informações, sem ter esforço algum. Algo um pouco semelhante aos prisioneiros da caverna, que apenas recebiam as imagens que eram mostradas a eles.

Ao estudante pode-se atribuir a ideia de alguém que além de assistir às aulas, ainda estuda o conteúdo da aula em casa. O estudante é alguém que não se contenta apenas em assistir às aulas. O estudante entende que o processo de estudar é uma ação ativa, ele deve não apenas receber informações, mas deve também absolver o conteúdo. Todo esse procedimento requer que o estudante faça leituras e pratique a escrita. Assim como o filósofo que saiu da caverna, o estudante também deve se esforçar caso queira adquirir o conhecimento.

Dessa maneira o professor poderá despertar nos alunos a vontade de se tornarem estudantes. Muitos alunos podem acreditar que para ser um estudante basta assistir as aulas e estudar antes da prova para tirar boas notas, isso pode gerar uma falsa sensação de que são excelentes alunos. Entretanto, o ato de adquirir conhecimento é um processo que exige esforço, sendo assim faz-se necessário que o professor mostre aos alunos a importância de estudar em casa verdadeiramente, e não apenas estudar para tirar boas notas.

CONCLUSÃO

O ensino de Filosofia é de fundamental importância para os alunos que estão no Ensino Médio, pois se trata de uma disciplina que tem como um dos objetivos propor reflexões a respeito das mais variadas questões. Deste modo, é muito importante que o professor de filosofia tenha em mente estratégias de como abordar

uma questão filosófica em sala de aula, para que assim ele consiga encontrar o melhor modo de abordar uma temática conciliando com a realidade vivida pelos alunos.

Através desse texto foi feita uma proposta de como a temática da alegoria da caverna de Platão poderia ser trabalhada em sala de aula e como esse assunto pode refletir na realidade do estudante. Sendo assim, foi possível concluir que existem maneiras do professor tornar um tema que está bastante distante do dia a dia do aluno do ponto de vista histórico, mas, ao mesmo tempo, pode fazer parte da sua vida.

Vimos que a distinção entre filósofo e filodoxo feita por Platão ainda pode ser bastante útil para nos propor uma reflexão acerca daquilo que tomamos como conhecimento verdade e como opinião. Também foi possível observar que o professor pode utilizar-se da alegoria da caverna de Platão para propor um questionamento nos alunos a respeito de como eles estão conduzindo os seus estudos. De acordo com a nossa proposta esse questionamento pode ser feito através da distinção entre ser um aluno e ser um estudante, e que este último, assim como o filósofo, valoriza o conhecimento.

REFERÊNCIAS

GHEDIN, E. A Filosofia e o Filosofar. São Paulo: Uniletras, 2003.

MENEZES, P. O Mito da Caverna. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/mito-da-caverna/>. Acesso em: 21 jul 2022.

TRABATTONI, F. Platão. Tradução de Rineu Quinalia. São Paulo: Annablume, 2010.